

A Voz das Vítimas

Quarenta e cinco anos após o encerramento do Aljube como prisão política, chegou o momento de organizar, no próprio edifício, uma exposição evocativa do que foi a estrutura repressiva da ditadura e, sobretudo, dando voz às suas vítimas, tantas vezes silenciadas.

Esta exposição, organizada pelo NAM – Movimento Cívico Não Apaguem a Memória!, pelo Instituto de História Contemporânea da FCSH da Universidade Nova de Lisboa e pela Fundação Mário Soares, contou com o empenhamento activo da Câmara Municipal de Lisboa, as parcerias da RTP-Rádio e Televisão de Portugal e da Direcção-Geral de Arquivos e foi apoiada pela Comissão Nacional das Comemorações do Centenário da República.

O projecto pretende fazer justiça às vítimas da repressão, mostrando, de modo necessariamente breve, como esta se organizou e quais foram as condições em que milhares de homens e mulheres a sofreram, nas masmorras daquele regime, na tortura e, quantas vezes, morrendo pelos seus ideais.

O edifício do Aljube foi propositadamente desfigurado logo após o seu encerramento em 1965, tendo sido, designadamente, destruídas as suas tristemente célebres celas de isolamento, os curros ou gavetas. Esta ocultação, a retirada de diversos gradeamentos e sucessivas outras “adaptações” do edifício levaram a que, com excepção das escadas, nada evoque hoje directamente o que eram as condições prisionais ali sofridas durante a ditadura.

Por outro lado, escavações entretanto realizadas no edifício e na sua periferia permitiram conhecer melhor a sua utilização, ao longo dos séculos, desde logo com ocupação romana e islâmica, como palacete de arcebispos e, sobretudo, como prisão eclesiástica e, mais tarde, como prisão de mulheres.